

Batman: além do herói

Ivanir França

“Por que um morcego?”

“Porque eu temo morcegos, e eu transformarei o meu medo, no medo deles!”

(Batman Begins, 2005).

Em 2005, sob a direção de *Christopher Nolan*, renasce nos cinemas um dos mais cultuados heróis da cultura pop. *Batman Begins* (2005) traz de volta ao imaginário coletivo a figura obscura e mesquinha do personagem das Histórias em Quadrinhos (HQs); contudo, além do renascimento do herói nos moldes clássicos de HQs consagradas, Batman é apresentado ao público de uma maneira realista e totalmente crível. Na trilogia de Nolan, Batman é humano, ao contrário dos personagens fantasiosos retratados nos filmes anteriores e mesmo em algumas HQs. Bruce Wayne, ao assumir a figura de Batman, “luta contra a maioria das coisas que lutamos todos os dias.” (BATMAN UNMASKED, 2008). Para Freud (1915), essa condição narrativa ficcional leva-nos a encontrarmos a pluralidade de vidas de que necessitamos. “Morremos com o herói com o qual nos identificamos; contudo, sobrevivemos a ele e estamos prontos a morrer novamente, desde que com a mesma segurança, com outro herói”. (Freud, 1915. p. 301 *apud* SARMENTO; COPPUS 2012).

Batman deixa, então, as telas de cinema e as páginas das HQs para tornar-se um signo. Recorremos à teoria semiótica para tentar entender os eventos que levaram o jovem bilionário Bruce Wayne a criar seu alter ego: Batman. Na história original criada por Bob Kane em 1939, o garoto Wayne, com cerca de nove anos, vê um ladrão assassinar seus pais - Thomas e Martha Wayne - na saída de um teatro, em um beco escuro. Há então o estopim, psicológico, motivador que leva Bruce Wayne, herdeiro de um conglomerado de indústrias, a tornar-se anos mais tarde o cruzador noturno de Gotham City. Na mente de Wayne, a concepção do vigilante não está na vingança “pura”, mas sim em infringir o mesmo medo sentido por ele, ao ver-se sozinho no mundo, a todos os criminosos que tornaram Gotham perigosa e

corrupta. Ao tornar-se Batman, Wayne transmuta-se em um símbolo de justiça, ou seja, há a construção do signo: Batman.

Segundo SANTAELLA, (2000), há uma ligação inseparável entre a cultura e comunicação. E o espectador, por sua vez, age como conector dessa rede, permitindo o processo de transmissão de mensagens. Essa “permissão” gera “[...] códigos específicos e signos de estatutos semióticos peculiares, além de produzirem efeitos de percepção, processos de recepção e comportamentos sociais que também lhes são próprios.” (SANTAELLA, 2000. P.29).

Não resta dúvida que muitas teorias da cultura [...] apresentam características nitidamente semióticas, principalmente quando explicam a dimensão cultural através de sistemas simbólicos de uma dada formação social. No entanto, enquanto nas conhecidas ciências humanas os estudos da cultura são utilizados para compreender os agentes dos processos culturais, homem, a semiótica, por seu lado, coloca ênfase nos modos como esses sistemas são processados para produzirem sentidos e serem comunicados. (SANTAELLA, 1996, p. 30).

Dentro desse contexto encontramos conexões que fazem Batman tão complexo quanto contraditório. E “explorá-lo pode ser um teste revelador para o espectador. Porque encontramos nele: o heroísmo, o medo e a escuridão de dentro da alma”. (BATMAN UNMASKED, 2008). Em *Batman Begins* (2005), Bruce Wayne cai em um poço, desativado, na mansão Wayne e é “atacado” por morcegos. A cena apresentada no início do filme o humaniza. E, ao contrário do que ocorre nas HQs, Bruce Wayne, criança, é coagido por uma emoção universal: o medo.

Segundo Robin S. Rosenberg, editora da *The Psychology of Superheroes, Batman Begins* (2005) nos dá um melhor olhar sobre o garoto, Bruce Wayne. Ela destaca que ele tende a ser uma criança medrosa e ansiosa. O garoto Wayne tem tanto medo quanto qualquer espectador que está frente ao ecrã. Sentimento que causa a ele o maior trauma de sua vida. A morte de seus pais.

Um homem com bilhões de dólares no banco, um carro blindado e uma armadura preta com capa, que salta entre prédios para punir bandidos, sabemos que é algo fantasioso; mas um sujeito que perdera os pais quando criança, assassinados na sua frente [...] se culpa pelo fato e desenvolve decorrentes neuroses deste trauma é a mais pura realidade. (SARMENTO, 2012, p. 187).

Batman, de Nolan, torna-se então um espelho social, ao contrário do personagem frio da HQ, que adotou o morcego como símbolo quando um animal invadiu a mansão – enquanto divagava sobre a morte dos pais. E o leitor fica sabendo de seu medo apenas pela fala do personagem. “[...] Já vi essa criatura antes... em algum lugar. Ela me aterrorizou quando criança [...]”. (MILLER, 2011. p. 32). No filme, Wayne sofre uma queda, não somente física, mas emocional. O medo de Bruce é muito bem trabalhado no roteiro do filme. Ao ser resgatado do poço, a cena seguinte mostra um garoto indefeso no colo do pai, recebendo um conselho. A cena o torna não somente “humano”, mas frágil. Essa humanização/fragilização provoca um fascínio midiático sob o signo Batman e o identifica com todos os espectadores por meio de ilusões aceitáveis, alinhadas com a certeza de que no fim o bem vencerá o mal. Ou seja, “acolhemos as ilusões, porque elas nos poupam sentimentos desagradáveis, permitindo-nos em troca gozar de satisfação”. (FREUD, 1915, p 290 *apud* SARMENTO; COPPUS, 2012). Na cena também é possível encontrar na fala de Thomas Wayne os primeiros fatos motivadores que podem “explicar” a concepção de Batman, na mente de Bruce.

Thomas Wayne
<i>Porque caímos, Bruce? Para que aprendamos a nos levantar!</i>
<i>Sabe por que eles o atacaram, não sabe? Estavam com medo de você.</i>
Bruce Wayne
<i>Medo de mim?</i>
Thomas Wayne
<i>Todas as criaturas têm medo.</i>
Bruce Wayne
<i>Até mesmo as assustadoras?</i>
Thomas Wayne
<i>Especialmente elas. (Batman Begins, 2005)</i>

Esse diálogo simples, e frugal em alguns aspectos, é primordial para a criação do caráter de Bruce e principalmente à concepção do seu senso de justiça. Em um dos conselhos, seu pai explica que o medo é a chave para entender a todos, principalmente as criaturas assustadoras. É a partir de seu próprio medo que Bruce

aprende a dominá-lo. Na cena em que Bruce adulto volta à caverna e expõem-se propositalmente aos morcegos, ele convive com seu medo até acalmar-se. E perceber que tudo está bem, ou seja, o signo Batman é “o simbolismo de usar um morcego para conquistar seu maior medo”. (BATMAN UNMASKED, 2008).

Segundo explica Benjamin R Karney, Professor da *Association Of Social Psychology, UCLA* - no documentário *Batman Unmasked* (2008) - Bruce Wayne é uma pessoa que sempre se perguntará se estará seguro novamente. E para ele a resposta mais óbvia é fazê-la com as próprias mãos. Robin S. Rosenberg, editora da *The Psychology of Superheroes* destaca que ao passar por eventos traumáticos é normal haver questionamentos sobre crenças fundamentais. “É assim que o trauma pode ser uma força poderosa e positiva que induz ao amadurecimento. Com Bruce Wayne, ele se dedicou a fazer justiça, não se vingar [...] e proteger pessoas inocentes de atos criminosos”. (BATMAN UNMASKED, 2008).

No longa, após o fatídico episódio, Bruce “foge” de Gotham e envolve-se com o submundo do crime. O filme continua contextualizando fatos motivadores, críveis, que levam Wayne a tornar-se Batman. Há cenas que mostram o bilionário Wayne mendigando ou roubando para não passar fome, em terras estrangeiras. Essas imagens dão ao espectador a dimensão de seu sacrifício e de sua transformação moral. Para Christopher Nolan, diretor da Trilogia Batman, “[...] essa força surge dessa extraordinária motivação que foi a morte de seus pais e da sua superação. Então você tem esse personagem que está envolvido nessa cruzada para combater o crime”. (BATMAN UNMASKED, 2008).

Preso por crimes comuns, na China, Bruce é “encontrado” pelo líder da Liga das Sombras¹, *Ra's al Ghul*, que irá tornar-se seu mentor e posteriormente inimigo. Wayne é treinado, física e mentalmente, para ser um integrante da Liga. Contudo, para ser aceito como membro Bruce precisa julgar e matar um criminoso. É nesse momento que ele desenvolve em seu superego a “máxima” de Batman ou o seu próprio conceito de justiça. Ele nunca mata. A única regra do Homem Morcego é a morte. Ele a considera a linha que o separa dos criminosos e malfetores que persegue.

¹ Organização criminosa mundial cujo objetivo é o equilíbrio ambiental perfeito, o que significa exterminar boa parte da humanidade, uma praga para o planeta na visão de Ra's Al Ghul. (QUADRINHOS NO CINEMA, 2012, p. 133).
Revista Livre de Cinema p. 50-57 v.1, n. 3, set/dez, 2014

Porém, esse “código de ética” gera a Bruce mais culpa toda vez que confronta um vilão causador de inúmeras mortes. E no caso específico do segundo longa – *Batman The Dark Knight (TDK)* – seu maior inimigo *Joker* (Coringa), conhecido principalmente pela violência e por suas ações imprevisíveis.

O vilão culpa Batman por todas as mortes que ele causa. Na lógica do Coringa, o morcego trouxe a loucura a Gotham, e ele é um produto criado a partir dela. *Joker* é a personificação da violência social. Ele não possui regras ou escrúpulo algum, todos os outros vilões de Batman possuem traços psicológicos característicos que corroboram com suas ações criminosas. Encontramos o narcisismo (Charada), sadismo (Espantalho), dupla personalidade (Duas Caras), entre outros. Todavia, *Joker* tem como único objetivo causar o caos pelo caos. “Alguns homens só querem ver o mundo pegar fogo” (*THE DARK KNIGHT*, 2008). Dentro desse contexto encontramos comparações com a violência social real, que sempre foi alvo de peças alegóricas cinematográficas, porém o surpreendente é vê-la formatada para a realidade do universo dos super-heróis. “São ecos da sociedade do espetáculo, demandando cada vez mais reflexos como autoamputações nos processos midiáticos através do consumo”. (SARMENTO; COPPUS, 2012, p. 187).

The Dark Knight é considerado pela crítica a obra prima de Nolan. O longa vai além de todas os preceitos básicos para formatar um grande filme. *TDK* possui algo maior. Seu subtexto baseado em elementos importantes da premiada HQ – **A Piada Mortal** – de *Alan Moore*.

[...] o roteiro dos irmãos Nolan faz muito sentido, tem viradas estratégicas e é praticamente impecável. Se em “Begins” a história se tratava da origem do personagem, e tinha uma Gotham corrupta como pano de fundo, a lógica agora inverteu-se, a origem do personagem vira o “pano de fundo”, para mostrar as consequências da chegada do justiceiro mascarado. Antes Gotham tinha na máfia seus maiores vilões e malfeitores, com a chegada do “cruzado encapuzado” viria uma “nova geração” de antagonista e obviamente, o que a cidade sofreria com isso. (BATOVERDOSE, 2012).

No filme, assim como na HQ, *Joker* quer provar a todos, principalmente para Batman, que até a pessoa mais equilibrada mentalmente pode enlouquecer. Na HQ, a vítima é o comissário Gordon, e, no filme, o promotor público Harvey Dent (Aaron

Eckhart) – o cavaleiro Branco de Gothan, tido por Bruce Wayne como sua chance de abandonar a máscara e viver uma vida normal.

Na mente do Coringa para perder a sanidade há um elemento primordial – uma grande tragédia pessoal. Na construção narrativa do palhaço, esta perda pessoal é a linha que separa o vilão de uma pessoa comum. E, ao contrário do que ocorre na HQ, onde Gordon mantém a sanidade – mesmo sendo torturado psicologicamente – no longa a grande tragédia da vida de Dent o enlouquece. Transmutando o Cavaleiro Branco de Gothan no lunático, portador da desordem dissociativa, *Two-faces*.

Os traços psicológicos apresentados em *TDK* podem ser exemplificados pela teoria de Freud (1925 *apud* SARMENTO; COPPUS, 2012), pois Batman apresenta os sintomas do neurótico obsessivo. Ele infla seu amor próprio. O que lhe confere o sentimento de superioridade ante outras pessoas, pois ele considerara-se especialmente limpo e consciente de suas escolhas.

Gothan tem um sujeito que carrega uma eterna culpa e uma sensação de onipotência a cada empreitada, como os neuróticos carregam a psicanálise. “No fundo ninguém crê em sua própria morte, [...] no inconsciente cada um de nós está convencido de sua imortalidade” (FREUD, 1915, p 209) Mas este sujeito ambivalente age acima do poder legislativo e, de acordo com as tendências narcisistas, sente-se mais ‘limpo’ e especialmente mais correto que outras pessoas. Não há erro de julgamento [...]. (SARMENTO; COPPUS, 2012, p. 185).

Batman é então a personificação do que ele combate. Ele é o lado sombrio de Bruce, e tenta integrar esse conflito constante entre a pessoa que ele é e a pessoa que ele quer ser. Esse conflito interno torna-se mais um fator motivador crível para o homem morcego. Batman é a perfeita simulação da união dos dois lados que todos temos, e esse simulacro visto no ecrã acaba quebrando a “quarta parede” e coloca Batman dentro do contexto social da sociedade do espetáculo imagético. Pois não sabemos quem é a verdadeira identidade: Batman ou Bruce Wayne. Essa dualidade é comparável a nossa realidade social, pois representamos vários papéis diariamente e não nos damos conta. Construímos durante a vida várias identidades “[...] com nossas esposas, com colegas de trabalho abaixo de nós e com os colegas acima de nós”. (BATMAN UNMASKED, 2008).

“[...] a demanda pelo muito é sempre insuficiente, coube ao sujeito mergulhar em um mar de fantasias e alucinações para escapar de sua angustia. As duas dimensões da tela de cinema se mostraram um perfeito aglomerado estético para essa alienação. Talvez alienação não seja a palavra correta para a situação, pois o sujeito se distancia somente do ponto de experimentar uma realidade altera, mas, para continuar a extrair sua substância humana [...]” (SARMENTO; COPPUS, 2012, p. 186).

O signo Batman pode ser entendido por meio de escolhas, pois ele nos oferece uma visão de nossos próprios medos. E principalmente as maneiras como um ser humano comum pode se tornar um herói. “Ele é humano. É um dos poucos super-heróis que é só um cara normal que se dedica a combater o crime. [...] Batman é totalmente plausível” (BATMAN UNMASKED, 2008). Ou seja, Batman reflete a ansiedade emocional, alegria e tristeza que experimentamos a vida toda. E acima de tudo ele representa a superação humana sobre uma tragédia. “A melhor coisa sobre Batman é que ele não é um super-herói. Ele é humano [...] ele é o personagem que nos dá a esperança que todos precisamos” (BATMAN UNMASKED, 2008).

Referências

Barr, Mike W. **Batman**: o filho do demônio. Barueri, SP. Panini, 2012.

BATMAN BEGINS. Produção: Emma Thomas; Charles Roven; Lorne Orleans. Direção: Christopher Nolan. 2005. DVD.

BATMAN: the dark knight. Produção: Christopher Nolan; Emma Thomas; Charles Roven; Lorne Orleans. Direção: Christopher Nolan. 2008. DVD.

BATMAN UNMASKED: the psychology of dark knight. Produção: History Channel. 2008. DVD. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=g9Hu1gLo8m0>>. Acesso em: 15 jul. 2013

BATOVERDOSE – batman begins, dark knight, rises. 2012. Disponível em: <<http://www.mundofreak.com.br/tag/liga-das-sombras>>. Acesso em: 22 jul. 2013.

CALLARI, Alexandre; ZAGO, Bruno; LOPES, Daniel. **Quadrinhos no Cinema**. São Paulo. Évora, 2012.

Miller, Frank. **Batman**: ano um. Barueri, SP. Panini, 2011

Moore, Alan. **Batman**: a piada mortal. Barueri, SP. Panini, 2008.

Santaella, Lúcia. **Cultura das mídias**. 2ª ed. São Paulo: Experimento. 2000.

SARMENTO, Tiago Alves de Moraes; COPPUS, Alinne Nogueira Silva. Os signos de batman: uma análise do personagem a partir da semiótica e psicanálise. **Psicanalise e Barroco**. Juiz de Fora, v. 10, n. 2, p. 178-192, dez. 2012. Disponível em:

<http://www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista/revistas/20/PeBRev20_14_Sarmento_Coppus.pdf>. Acesso em: 19 jul. 2013.